

## POR DENTRO E POR FORA: *MUNDO INTERIOR* DE MACHADO DE ASSIS E A TEORIA FENOMENOLÓGICA

---

PAUL DIXON\*

---

### RESUMO

*Mundo interior* (1880, Machado de Assis) mostra como o autor antecipou conceitos de espaço que seriam expostos muitos anos depois pelo filósofo fenomenológico Gaston Bachelard. No poema, a vasta paisagem ao ar livre, tanto geográfica como humana, tem uma relação correspondente e inversa com uma profundidade de contemplação. Exemplos do romance *Quincas Borba*, no qual os personagens são atraídos para olhar através das janelas quando estão envolvidos em seus pensamentos mais íntimos, mostram como o padrão de “imensa intimidade” se estende além do poema em questão para as imagens das obras ficcionais de Machado.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Poesia; Fenomenologia, espaço; interior; exterior.

Tenho um livro sobre *Quincas Borba*, que está em vias de publicação (Editora Nankin / EDUSP). Um achado que me fascinou nessa recente leitura do romance de Machado é a intensa interação entre espaços interiores e espaços exteriores. O primeiro capítulo, em que o protagonista medita em frente da janela, é um bom exemplo desse padrão:

Rubião fitava a enseada, - eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra cousa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chine-

---

\* Professor de Português e Espanhol na Purdue University, West Lafayette, Indiana, Estados Unidos.

E-mail: tudobem@purdue.edu.

las de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade. (ASSIS, 1985, Vol. 1, p. 643)

A justaposição entre o interior da casa e o exterior da paisagem carioca é um reflexo físico de um fenômeno psicológico. Neste momento, Rubião está mergulhado em meditações sobre as recentes mudanças ocorridas em sua vida. Sua aproximação da janela, para olhar os distantes pormenores da enseada, não é uma mera distração; pelo contrário, parece ser um apoio para seus pensamentos mais íntimos. A meditação continua não apesar dos detalhes vistos na paisagem, mas sim em função deles. E de fato, verifica-se essa correspondência em diversos momentos no livro, quando os personagens, embebidos nas próprias meditações, são levados a chegar perto de janelas ou portas, para poder espiar os objetos que se encontram por fora. Por exemplo, Rubião pondera um possível rival, Carlos Maria, em seus desejos adúlteros por Sofia: “Deitou-se tarde. Parte do tempo esteve à janela, matutando, charuto aceso, sem acabar de explicar aquele negócio” (ASSIS, 1985, Vol. 1, p. 724). Tendo recebido atenções amorosas do mesmo Carlos Maria, Sofia medita o significado da experiência: “Posta à janela, dali a meia hora, Sofia contemplava as ondas que vinham morrer defronte, e, ao longe, as que se levantavam e desfaziam à entrada da barra” (ASSIS, 1985, Vol. 1, p. 707). Maria Benedita, ao considerar seu futuro no dia do casamento, está “posta à janela, fitando as ondas que se quebravam ao longe e na praia” (ASSIS, 1985, Vol. 1, p. 753).

O poema *Mundo interior*, soneto da coletânea *Ocidentais* de 1880, confirma essa forma de pensamento no autor de *Quincas Borba*, ao esboçar uma verdadeira dependência entre a observação da natureza, mundo exterior, e a contemplação subjetiva, mundo interior. Quero examinar tal interdependência no poema, especialmente à luz da fenomenologia do espaço de Gaston Bachelard, que será elaborada muitos anos depois de Machado, em seu livro *A poética do espaço* (1958).

## Mundo interior

Ouço que a natureza é uma lauda eterna  
De pompa, de fulgor, de movimento e lida,  
Uma escala de luz, uma escala de vida  
Do sol à ínfima luzerna.

Ouço que a natureza, -- a natureza externa, --  
Tem o olhar que namora, e o gesto que intimida,  
Feiticeira que ceva uma hidra de Lerna  
Entre as flores da bela Armida.

E, contudo, se fecho os olhos, e mergulho  
Dentro de mim, vejo à luz de outro sol, outro abismo  
Em que um mundo mais vasto, armado de outro orgulho,

Rola a vida imortal e o eterno cataclismo,  
E, como o outro, guarda em seu âmbito enorme,  
Um segredo que atraí, que desafia, - e dorme. (ASSIS, 1985, Vol. 3,  
p. 153)

Embora o título do soneto seja *Mundo interior*, o verdadeiro tema do texto são dois mundos – exterior e interior.<sup>1</sup> De fato, a divisão entre os quartetos e os tercetos serve como limite, marcando uma transição muito clara entre o tratamento dos dois aspectos complementares da consciência humana. O poema é muito explícito em identificar tanto um como o outro, usando a frase “natureza externa” no verso quarto, e “dentro de mim” no verso dez. Os quartetos são orientados para o exterior de duas maneiras. Primeiro, tomam consciência daquela “natureza externa”, enfocando detalhes como a luz do sol e plantas, tais como a “luzerna” (v. 4) e as “flores” (v. 8). Segundo, consideram a sabedoria convencional sobre tal natureza exterior. Essa consciência de “mundo exterior da opinião” fica

<sup>1</sup> Inspirando-se no *Fausto* de Goethe, Flávia Amparo usa os termos “microcosmo” e “macrocosmo” para referir-se aos dois mundos (AMPARO, 2012, p. 45-47).

clara quando o poema usa a frase “Ouço que a natureza . . .” duas vezes (v. 1, 5). Essa preocupação pelas percepções do público é um eco da “alma exterior” do famoso conto, *O espelho* (ASSIS, 1985, Vol. 2, p. 345-352).

Em que consiste essa opinião recebida sobre a natureza externa? Primeiro, a natureza parece ser, metaforicamente, uma “lauda”. O sentido mais lógico é que a natureza é uma página em branco, em que os seres vivos “escrevem” suas vontades. Chego a tal ideia porque o verso três, modificando aquela “lauda eterna”, diz que ela contém “pompa” e “fulgor”, supostamente uma projeção das vontades mais satisfeitas, e “movimento” ou “lida” no caso das vontades menos satisfeitas. Creio que essa noção de vontades mais ou menos contentes é apoiada pelos versos três e quatro, pois a palavra “escala” sugere uma hierarquia – escala de luz (glória), escala de vida (energia, poder ou capacidade). A referência ao sol, em contraste com a “ínfima” luzerna, uma planta que cresce próximo à terra, reforça a ideia de uma escala ou uma hierarquia. O primeiro quarteto, então, parece coincidir com uma visão da natureza como uma luta pela afirmação, pelo domínio, ou pela sobrevivência, visão encontrada na “filosofia” de Quincas Borba, tanto em *Memórias póstumas de Brás Cubas* como em *Quincas Borba*.

Se o primeiro quarteto dá ênfase às “lidas” das vontades por se afirmar, o segundo parece enfocar as atrações e dificuldades encontradas nessa luta. A segunda estrofe alterna entre imagens de aproximação e de rechaço ou impedimento – entre o “olhar que namora” e o “gesto que intimida” (v. 6). O poema usa duas alusões para apoiar a noção dessa contrariedade na natureza. Primeiro, diz que ela é uma “Feiticeira” e uma “hidra de Lerna”, referindo-se com a segunda imagem à poderosa figura feminina na mitologia grega e romana, que guarda a entrada para o Submundo. Segundo, menciona a “bela Armida” cercada de flores, personagem de *Jerusalém Libertada* de Tasso, cuja designação é impedir o avanço dos soldados cristãos. Tanto a hidra de Lerna como a Armida, portanto, combinam a atração como a repulsa ou o impedimento.

No primeiro terceto, a palavra “contudo” indica a relação oposicional entre as duas primeiras estrofes e as duas últimas. Além disso, o terceto introduz pela primeira vez uma perspectiva subjetiva. Para “mergulhar”

dentro de si mesmo, o eu do poema precisa “fechar os olhos” (v. 9). Mas, os mesmos detalhes que caracterizam a natureza exterior, continuam a vigorar nesse mundo interior, por trás dos olhos fechados. Uma “luz de outro sol” complementa o sol do primeiro quarteto. Como no início do poema, há uma escala ou uma hierarquia vertical, entre o “outro sol” e o “outro abismo” (v. 10). Em comparação com a “lauda eterna” daquela natureza externa, o plano interior é “um âmbito enorme” ou “um mundo mais vasto” ainda (v. 11). Tem o mesmo aspecto dinâmico do mundo exterior, o que é indicado pelo verbo “rola” no verso 12. Por outro lado, o mundo interior é estático pois, como a última palavra do poema indica, ele “dorme” (v. 14). Talvez tal condição contrária, como nos quartetos, dependa da atitude do observador, satisfeito ou insatisfeito. A contrariedade continua a caracterizar o poema, pois o mundo interior alterna entre “vida imortal” e “eterno cataclismo” (v. 12). E como nas primeiras estrofes, a oposição entre atração e resistência continua; o mundo interior tanto “atrai” como “desafia” (v. 14).

Já notei que, nessa contrariedade entre atração e desafio, o cosmos do soneto parece confirmar a visão de Quincas Borba naqueles dois romances de Machado. Também podemos descobrir semelhanças com a natureza, “mãe e inimiga”, representada no delírio de Brás Cubas, em *Memórias póstumas*, ou com o ser que “cinge ao coração o belo e o monstruoso” no poema “Uma criatura” (ASSIS, 1985, Vol. 3, p. 151-152). Mas essa semelhança não é o que mais me interessa no poema. Para mim é mais fascinante uma certa correlação entre a vastidão do mundo exterior e a profundidade do mundo interior, uma correspondência em que um dos fenômenos parece operar em função do outro.

A relação entre um mundo exterior e um mundo interior tem uma vaga semelhança com a doutrina das “correspondências” de Emanuel Swedenborg (SWEDENBORG, 2009, p. 80-90), noção que Machado provavelmente conheceu através do famoso poema de Charles Baudelaire do mesmo nome (BAUDELAIRE, 1975, p. 784). Como em Baudelaire, há uma sugestão de sutis vínculos entre a realidade concreta e empírica, e um domínio impalpável, mas acessível às percepções intuitivas ou espirituais.

Em 1958, Gaston Bachelard publicou seu livro *A poética do espaço*, estudo fenomenológico que examina como certas configurações objetivas, tais como casas, armários, conchas e cantos, se relacionam com as experiências psicológicas do sujeito. Em vista do poema de Machado, o capítulo chamado *A imensidade íntima* é especialmente interessante. Nele, Bachelard afirma que “a imensidade é dentro de nós mesmos” (BACHELARD, 1964, p. 184) isto é, que os enormes panoramas do mundo exterior são “transcendentes psicológicos” (BACHELARD, 1964, p. 185). Examinando imagens de grande amplitude em vários poetas, Bachelard descobre uma correlação com a profundidade de sentimentos íntimos. “Na presença de uma imensidade tão óbvia como a imensidade da noite, o poeta pode descobrir o caminho para a mais profunda intimidade” (BACHELARD, 1964, p. 189). Dando um olhar muito atento em Baudelaire, o filósofo encontra uma preferência especial pela palavra “vasto”, e um “argumento metafísico pelo qual o vasto mundo e vastos pensamentos são unidos” (BACHELARD, 1964, p. 192). Conclui que “na poética de Baudelaire, a palavra ‘vasto’ não pertence, realmente, ao mundo objetivo” (BACHELARD, 1964, p. 196). A vastidão desse mundo objetivo é uma correlativa, uma correspondência, com um estado psicológico: “A grandeza cresce no mundo em proporção a um aprofundamento da intimidade” (BACHELARD, 1964, p. 195).

Voltando ao poema de Machado, vemos um texto que parece ser feito para confirmar os achados de Bachelard. Os quartetos pintam o mundo objetivo, grande e poderoso. Os tercetos representam o espaço interior como “outro sol” e “outro abismo”. Usando a mesma palavra-chave que Bachelard descobre em Baudelaire, o poema descreve o espaço interior como “um mundo mais vasto”. Evidentemente, a profundidade dos pensamentos ou sentimentos do sujeito existe numa relação quiásmica com a grandeza da natureza externa, uma espelhando-se na outra. O mundo exterior determina e estabelece o mundo interior, e vice-versa.

Creio que o poema *Mundo interior* oferece uma chave para apreciar a obra de Machado em geral. Fugindo dos paradigmas objetivos, os textos machadianos nos dão personagens quase sempre voltados tanto para o

mundo dos objetos como para um mundo de intimidade subjetiva. Sua existência é um “ser no mundo” (Dasein) no sentido em que a frase é usada pela filosofia fenomenológica (MAGLIOLA, 1977, p. 5) Essa antecipação da visão fenomenológica parece confirmar-se no estreito vínculo entre o poema “Mundo interior” e o conceito de “imensidade íntima”, que será elaborado por Gaston Bachelard quase 80 anos depois de publicado o poema de Machado. Como em tantos outros aspectos, o escritor brasileiro parece antecipar as visões estéticas e filosóficas de futuras gerações.

\*\*\*\*\*

INSIDE AND OUTSIDE: MACHADO DE ASSIS' *MUNDO INTERIOR* AND  
PHENOMENOLOGICAL THEORY

ABSTRACT

*Mundo interior* (1880, Machado de Assis) shows how the author anticipated concepts of space that would be expounded many years later by the phenomenological philosopher, Gaston Bachelard. In the poem, the vast outdoor landscape, both geographic and human, has a corresponding and inverse relationship with a profundity of contemplation. Examples from the novel *Quincas Borba*, where characters are drawn to look outside through windows when they are engaged in their innermost thoughts, show how the pattern of “immense intimacy” extends beyond the poem in question into the imagery of Machado’s fictional works.

KEYWORDS: Machado de Assis; poetry; phenomenology; space; interior; exterior.

POR DENTRO Y POR FUERA: *MUNDO INTERIOR* DE MACHADO DE ASSIS Y LA  
TEORIA FENOMENOLOGICA

RESUMEN

*Mundo interior* (1880, Machado de Assis) muestra como el autor anticipó conceptos de espacio que serían expuestos muchos años después por el filósofo fenomenológico Gaston Bachelard. En el poema, el vasto paisaje ao aire libre,

tanto geográfico como humano, tiene relación correspondiente e inversa con una profundidad de contemplación. Ejemplos de la novela *Quincas Borba*, en la que los personajes son llevados a mirar por las ventanas mientras se envuelven en sus pensamientos más íntimos, muestran como el modelo de la “inmensa intimidad” se extiende más allá del poema analizado, para las imágenes de las obras narrativas de Machado.

PALABRAS CLAVE: Machado de Assis; poesía; fenomenología; espacio; interior; exterior.

## REFERÊNCIAS

AMPARO, Flávia. O “Mundo interior” de Machado de Assis. *Vértice*, Campos dos Goitacazes, RJ, v. 14, n. 2, p. 45-54, 2012.

ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. (v. 1-3).

BACHELARD, Gaston. *The Poetics of Space*. Tradução Maria Jolas. Boston: Beacon, 1964.

BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1975. (Édition Claude Pichois).

MAGLIOLA, Robert. *Phenomenology and Literature: an introduction*. West Lafayette, IN: Purdue University Press, 1977.

SWEDENBORG, Emanuel. *Heaven and its Wonders and Hell*. Tradução John C. Ager. West Chester, PA: Swedenborg Foundation, 2009.

\*\*\*\*

---

Submetido em 29 de outubro de 2018

Aceito em 26 de novembro de 2018

Publicado em 25 de janeiro de 2019

---